

Salvador, 474 anos: como não te amar?

Belezas naturais e arquitetônicas, cultura e religiosidade fazem daqui um lugar singular

Fotos: Romildo de Jesus

HIEROS VASCOLCELOS RÊGO
REPORTER

Não são poucas as dificuldades que o povo soteropolitano enfrenta no seu dia a dia. Salvador é uma cidade

marcada por uma topografia problemática e acidentada que em dias chuvosos corre riscos de deslizamentos e desabamentos, colocando vidas em risco e preocupando moradores e a Defesa Civil. Que tem em sua cartografia bolsões de pobreza espalhados por quase todos os bairros. Que acumula um vasto leque de melhorias a ser cumpridas, desde reordenamento e requalificação urbana ao transporte público.

Mas, ainda assim, quem mora, conhece ou visita a primeira capital do Brasil, que nesta quarta-feira (29) completa 474 anos, sempre se faz a mesma pergunta: Salvador, como não te amar?

A terra onde pisou Diogo Álvares Correia, o Caramuru – mais especificamente nos recifes do Rio Vermelho, entre 1509 e 1510, marcando o início do período de colonização da Bahia e do Brasil, guarda milhares de magias e encantos que deixam qualquer um apaixonado.

São belezas naturais misturadas às belezas arquitetônicas, históricas e a uma vasta religiosidade que formam uma paisagem e espelham uma energia peculiares e impressionantes até mesmo para aqueles que viajam o mundo inteiro. Salvador tem uma das maiores orlas do país, com 50 quilômetros de litoral e 20 praias, boa parte delas abraçadas pela Baía de Todos os Santos, considerada a segunda maior baía do planeta, atrás apenas do Golfo de Bengala, no Oceano Índico.

Somado a isso, possui um conjunto urbanístico e arquitetônico contido na poligonal do **centro histórico** que é reconhecido como **Patrimônio Cultural da Humanidade** pela **Unesco**. Tem em sua raiz a negritude e as religiões de matriz africana, tornando-se um verdadeiro caldeirão histórico-cultural sem igual no mundo. É a cidade com a maior quantidade de pessoas negras fora da África, de onde vieram milhares de pessoas escravizadas.

Tudo isso demonstra que não é à toa que Salvador esteja entre as três cidades brasileiras mais procuradas por turistas do mundo, de acordo com a pesquisa realizada pela



ANIVERSARIANTE

O conjunto urbanístico e arquitetônico contido na poligonal do centro histórico que é reconhecido como Patrimônio Cultural

plataforma de hospedagens Airbnb, em dezembro de 2022. A primeira capital do país ficou atrás apenas de Florianópolis (SC) e Porto Seguro (BA), no Sul do

estado.

Para marcar este quase cinco séculos, uma programação extensa de comemoração foi iniciada no dia 17 de março e vai até o dia

16 de abril com muita arte, cultura e música. O ponto alto desta grande festa acontecerá no dia 2 de abril, com um grande show que reunirá nomes de peso

como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Ivete Sangalo, e Luedji Luna. O local? Um dos cartões postais mais conhecidos no mundo todo: o Farol da Barra.

Um povo que sorri e resiste em meio às adversidades

Além de sua graciosidade e do fato de ser marcada por uma história incrível e recheada de personagens ilustres, esta terra concentra pouco mais de três milhões de habitantes que formam um povo com características notáveis: são pessoas que lutam cotidianamente pela sobrevivência e que, em meio a tantas adversidades, continuam sorrindo e resistindo.

São 474 anos de existência como cidade geograficamente determinada – pois há de se considerar que antes de ser denominada ‘Cidade do Salvador’ já existiam os povos originários neste solo -, e muitas outras centenas de anos de resistência.

Palco de importantes revoltas e levantes – como Revolta dos Malês, Revolta de Búzios e a Independên-

cia da Bahia no Dois de Julho - Salvador tem um povo que até hoje luta por justiça, liberdade, igualdade de oportunidades. Para a historiadora Cecília Afonso, com a colonização e a chegada de pessoas escravizadas vindas da África, a cidade do Salvador foi se moldando com um povo cuja personalidade reunia diversas particularidades oriundas de diversos países, mas principalmente do continente africano.

“O povo de Salvador sempre foi muito sofrido, pois precisou conviver com a colonização que retirava suas riquezas, com a escravidão e com a pobreza. Desses três milhões de habitantes, mais de 80% são negros. Descendentes de um povo que foi escravizado e retirado de suas terras onde acumulavam riquezas, cultura, arte e

conhecimento. Descendentes de reis e rainhas africanas, como Nerfertiti, Make-da, Nzinga, as guerreiras candaces, e Daomé. Então, temos no nosso sangue dor, mas muita ancestralidade de um povo marcado por uma potência incrível. Por isso, somos um povo que mesmo convivendo com mazelas, conseguimos sorrir, brincar, criar, dançar e fazer música”, diz a historiadora.

Cecília lembra, ainda, que os resquícios do período escravocrata no Brasil até hoje predominam na capital baiana, sendo possível enxergá-los, por exemplo, através da formação da cidade e dos bairros. “É uma cidade linda, maravilhosa, com um povo fantástico, mas o racismo e as desigualdades sociais pedem ser vistas em todos os lugares. A cidade se

forma à base da exploração, da mercantilização. Caramuru era um mercador. Aqui, os bairros negros são maioria, não houve preocupação com eles. E o racismo fica evidente com a insalubridade, a recorrente falta de água, as moradias precárias, a convivência próxima e diária com o esgoto a céu aberto e os rios poluídos”, explica.

Apesar de todas as vicissitudes, a historiadora pondera que o potencial de Salvador é ímpar. “Esta cidade, e não falo aqui como moradora apaixonada, mas sim como profissional, tem um potencial enorme. É um grande celeiro de talentos: desta terra saíram grandes nomes em todas as áreas da ciência, do conhecimento e das artes. Se você for colocar no papel cada um deles, não caberia neste jornal”, brinca.

Bairro do Comércio foi aterrado para se chamar ‘Bairro das Nações’

Quando a primeira capital do Brasil surgiu, há 474 anos, em 29 de março de 1549, sua concentração populacional estava no Centro Histórico (Pelourinho e Adjacências). Pouco se sabia das riquezas que iriam ser exploradas nesse território que hoje tem 693,8 quilômetros quadrados de extensão.

Ela foi crescendo e sua densidade populacional se concentrando no que hoje se chama Centro Antigo, constituído pelos bairros Centro Histórico, Centro, Barris, Tororó, Nazaré, Saúde, Barbalho, Macaúbas, Liberdade (parte do espigão), Comércio e Santo Antônio Além do Carmo.

Até o início do século XX, Salvador era considerada uma “cidade europeia fora da Europa”, como bem lembrou o publicitário Luciano Bahia, criador do perfil Amo a História de Salvador, no Instagram, espaço onde é possível desfrutar de curiosidades saborosas e relevantes informações sobre a capital, oriundas de valiosas pesquisas.

A pequena cidade, até então, era tomada de

casarões históricos cuja arquitetura tinha a forte marca da presença portuguesa. Algumas transformações – para além das urbanísticas - valem ser lembradas.

Uma delas aconteceu no bairro do Comércio, região que a partir de 1911 até 1970 sofreu um processo de aterramento para a construção do Porto de Salvador e do Terminal de São Joaquim. Pouca gente sabe, mas aquela área toda era mar e poucos casarões existiam bem próximos ao frontispício que divide Salvador em ‘Cidade Alta’ e ‘Cidade Baixa’. O mar batia nas paredes do Mercado Modelo, edificação construída em 1912.

Inicialmente, o aterro naquela área tinha o objetivo de criar um bairro para se chamar Bairro das Nações – daí vem os nomes de diversas praças na localidade como Praça da Inglaterra, Avenida Estados Unidos, Avenida da França (Terminal da França), Rua Portugal. No entanto, o nome que pegou mesmo foi ‘Comércio’, pois era comumente utilizado pela população que descia da Cidade Alta para fazer compras na Cidade Baixa.

Um ponto turístico para cada dia do ano

Farol da Barra, Farol de Itapuã, Ponta de Humaitá, Pelourinho, Praça da Sé, São Tomé de Paripe, Ilha de Maré, Ribeira, Basílica do Senhor Bonfim, Igreja de São Francisco de Assis, Mercado Modelo, Elevador Lacerda, Casa do Rio Vermelho, Museu de Arte Sacra, Palácio da Aclamação, Solar do Unhão, Porto da Barra, Santo Antônio Além do Carmo...

São tantos os pontos turísticos na capital baiana que o turismólogo Eduardo Santana, acostumado a guiar turistas pelo Centro Histórico, costuma até brincar. “Aqui dizem que Salvador tem 365 igrejas, uma para cada dia do ano. Eu também digo que é preciso um ano inteirinho para conhecer todos os pontos turísticos de Salvador. E tudo isso revezando o turno do dia, pois ainda tem aqueles lugares que não são turísticos e merecem ser conhecidos para se ter de fato a experiência soteropolitana. Salvador não é só uma cidade, é uma experiência antropológica”, afirma.

E, de fato, Eduardo está coberto de razão. Os locais acima são alguns dos mais conhecidos de Salvador, mas, para além deles, a capital baiana tem outras localidades que guardam belezas ímpares: O Parque São Bartolomeu, por exemplo, é um desses lugares. Localizado entre o bairro de Pirajá e a Enseada



BELEZAS

O Farol da Barra é um dos cartões-postais mais requisitados da cidade pelos turistas

do Cabrito, no Subúrbio Ferroviário, o parque é uma das maiores remanescências de Mata Atlântica situado em área urbana do país. Tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), abriga quatro cachoeiras, manguezal e a barragem do Rio do Cobre.

“É um espaço pouco visitado, que precisa ser

revitalizado e precisa estar incluído no circuito cultural e turístico de Salvador”, acrescenta o turismólogo, lembrando, ainda, que trata-se de um espaço com grande riqueza histórico-cultural e considerado sagrado para as religiões de matriz africana.

“Além de ter sido uma ocupação negra, pois tinha muitos engenhos onde a

mão de obra escrava imperava, é também o templo de Oxum, a orixá das águas doces. Foi palco de batalhas pela independência da Bahia e no período da escravidão escondia em suas matas o Quilombo do Urubu, liderado pela guerreira Zeferina, importante personagem baiana da luta contra a escravidão no século XIX”, destaca.

Comida e religião andam de mãos dadas em Salvador

Quem visita Salvador sempre quer fazer, também, um roteiro gastronômico, justamente por saber que existem paladares que só são encontrados na capital baiana. É o caso do famoso caruru acompanhado do vatapá, do feijão fradinho, da farofa com dendê e do xinxim de galinha – tudo na base do dendê e do camarão seco.

A gastronomia na Bahia, e principalmente em Salvador, tem sabor especial: vem com muita religiosidade no tempero. A religião católica, que chegou junto com os colonizadores, misturou-se com o passar dos anos com as crenças indígenas e com as religiões de matrizes africanas, fazendo de Salvador este grande caldeirão histórico-cultural em todos os sentidos, inclusive na gastronomia.

“Comer aqui é também uma experiência antropológica. Todo mundo que chega quer comer a famosa comida baiana, a moqueca de peixe, de camarão, de banana”, continua o turismólogo

Eduardo Santana.

A historiadora Cecília Afonso lembra ainda que as comidas “de azeite” – como o povo costuma chamar - em sua maioria são “comidas de santo”.

“O costume desses alimentos vem porque eles eram preparados nas festas de candômbé para os orixás, com exceção de Oxalá, que não tem dendê em seus alimentos”, explicou.

Um exemplo dessa mistura entre candômbé e catolicismo na alimentação, por exemplo, está no fato da ‘comida baiana’ ser um dos principais pratos de toda sexta-feira. “Por causa da Semana Santa, quando não se come carne vermelha, adotou-se ao longo dos anos a mistura do dendê com o peixe às sextas-feiras. A comida com dendê, que seria teoricamente mais leve do que a carne vermelha. No entanto, sexta-feira é dia de Oxalá, a quem não se serve alimento com dendê. Parece uma contradição, mas Salvador, e a Bahia, são exatamente isso”, brinca.